PRA QUE/POR QUE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA?

Alícia Endres SOARES (FURG) [1]

RESUMO: *Levando-se em conta os inúmeros trabalhos que tratam sobre o ensino de Língua Portuguesa (LP) na escola, as críticas e a conseqüente confusão do que vem a ser os objetivos e o objeto de estudo da disciplina em questão, este trabalho visa apresentar opiniões de atuais protagonistas da sala de aula − professores e alunos − quanto à justificativa, a função, do ensino de Língua Portuguesa para falantes de Português. Além disso, busca contribuir na permanente discussão sobre o ensino de língua materna nas escolas de nosso país. Para tanto, pretende-se aplicar um questionário aos professores (e alunos) de LP de algumas escolas públicas e particulares da cidade de Pelotas, abordando perguntas como: a) "Por que ensinar Língua Portuguesa para falantes nativos de Português?" b) "O que você prefere/dá ênfase no trabalho com os alunos em sala de aula?" c) "Você mudaria/trocaria o nome da disciplina Língua Portuguesa?", dentre outras, que irão compor o material de análise e discussão do presente trabalho. Tal discussão, será apresentada inspirada principalmente nos trabalhos de: Faraco & Castro (2000); Antunes (2003); Possenti (1996) e Geraldi et alii (2004). Espera-se compreender uma visão geral, do pra que/por que ensinar LP na escola brasileira. Acredita-se, nessa perspectiva, que as falhas e confusões tão apontadas no ensino de LP surgem por nem sempre haver respostas e concepções claras do verdadeiro papel do ensino do seu ensino na escola. A ação de esclarecer os objetivos e os propósitos deste ensino parece ser o ponto de partida para um trabalho produtivo e significativo em sala de aula.*

PALAVRAS-CHAVE: objetivos de ensino; Língua Portuguesa; professores; alunos.

1. Considerações iniciais

Ter em mente o porquê de determinado ensino por parte do professor e também por parte do aluno é algo não tão comum como se pensa. Saber o propósito, o objetivo da disciplina dentro do currículo escolar, nem sempre está "na ponta da língua" dos docentes. Essa questão, em relação à disciplina escolar que conhecemos como Língua Portuguesa (LP), merece ser alvo de estudo visto que se trata do ensino da língua materna dos alunos brasileiros. Este artigo é fruto de uma pesquisa inicial que busca saber pra que/por que ensinar LP para falantes nativos de Português. Problematizando tal questão, pretendo esboçar as respostas que professores e alunos deram para justificar o ensino de LP na escola. Sem aprofundamento nos estudos lingüísticos que tratam do ensino de língua materna (alvo de outras pesquisas), o foco aqui é tentar perceber qual a visão que professores e alunos, tanto da rede pública como da rede particular, pensam o pra quê de ensinar LP para falantes nativos de Português.

Diante de enunciados como "eu não sei português", "eu não gosto de Português", é possível perceber que, em geral, não é evidente para os alunos que o Português, na verdade, é a língua já adquirida e falada por eles muito tempo antes de engajarem na escola. Para eles, a Língua Portuguesa é muito difícil, algo quase inacessível, na idéia de alguns. Tentar desmistificar

[1] Aluna do curso de Pós-graduação Lato sensu "Linguagem, Cultura e Educação: uma interface teórico-prática na escola".

tal idéia dos alunos, juntamente com a exposição de objetivos para essa disciplina na escola, é ou deveria ser o ponto de partida do professor de LP. No entanto, até mesmo os professores, às vezes, não tem muito claro as razões para seu ensino, o que ocasiona, como sabemos, aulas de Português repletas de regras e exercícios gramaticais. Existe, por assim dizer, uma certa confusão a cerca do real papel/função do ensino de LP na escola.

As discussões a respeito deste ensino são inúmeras e em diversas perspectivas. As críticas são apontadas freqüentemente e sendo que estas permanecem as mesmas há mais de vinte anos. Com o avanço da Lingüística, teorias modernas e novas abordagens de ensino, será que realmente as práticas de ensino de LP não modificaram? Os problemas tão apontados continuam realmente os mesmos? Proponho que pensemos nisso.

Entendo que só através de trabalhos de pesquisa e com uma abertura maior da escola para todos os tipos de investigações é que conseguiremos verificar o que se tem feito efetivamente na sala da aula de LP hoje em dia. Ao contrário disso, as críticas às práticas de ensino escolares como sendo "falhas", "vazias", "irrelevantes" continuarão em vigor , não considerando que talvez possa estar ocorrendo, na época presente, um número maior de práticas de ensino significativas. Assim, a investigação no universo escolar configura-se cada vez mais como necessária, desafiadora e instigante.

Passo agora a elucidar alguns pontos teóricos que ancoram o presente trabalho.

2. Inspiração teórica

As reflexões trazidas aqui são baseadas em trabalhos de Faraco & Castro (2000); Antunes (2003); Possenti (1996) e Geraldi et alii (2004). Especialistas, que por sua vez, trazem pressupostos bakhtinianos, assumindo uma dimensão interacional da linguagem.

Segundo Geraldi (2004: 40), "quando se fala em ensino, uma questão prévia – para que ensinamos o que ensinamos?, e sua correlata: *para que* as crianças aprendem o que aprendem? – é esquecida em benefício de discussões sobre o como ensinar, o quando ensinar, o que ensinar, etc." (grifo meu) . E continua, "a reflexão sobre o "para quê" de nosso ensino exige que pensemos sobre o próprio fenômeno de que somos professores – no caso, a linguagem -, porque tal reflexão, ainda que assistemática, ilumina toda a atuação do professor em sala de aula."(pág. 46). Desse modo, não é possível, em se tratando de ensino de línguas, não se levar em conta uma concepção de língua que ilumine toda e qualquer prática pedagógica, como diz Antunes

(2003:39), “desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos...”.

Pode-se dizer, conforme Antunes (2003), que há duas grandes tendências que marcam a percepção dos fatos da linguagem: uma centrada na língua enquanto sistema e uma centrada na língua enquanto atuação social. Ao analisar as respostas dos professores, é possível, de modo superficial, observar traços de ambas as tendências, o que será apresentado mais diante.

De acordo com Antunes, apenas a segunda tendência fundamentaria uma prática produtiva e relevante, já que “só o estudo das regularidades textuais e discursivas, na sua produção e interpretação, pode constituir um objeto de ensino da língua”. Nesse sentido, então, o objetivo central do ensino de LP seria, nas palavras da autora, a “ampliação da competência comunicativa do aluno para falar, ouvir, ler e escrever textos fluentes, adequados e socialmente relevantes.”

Na presente discussão, vale lembrar, as considerações de Sírio Possenti: (i) ensinar o português padrão; (ii) ensinar-lhes apenas o que não sabem. De fato, o objetivo da escola com a disciplina de LP é ou deveria ser ensinar o Português padrão. Mas, importa observar *como* se tem feito esse trabalho atualmente e de que maneira os professores entendem o ensino de LP. Para Possenti, o que os alunos já sabem, não precisa ser ensinado, visto que muitas práticas de sala de aula consistem em exercícios de formas da língua que os alunos já dominam e não teriam por que serem ensinadas na aula de LP.

No artigo *Por uma teoria lingüística que fundamente o ensino de língua materna* (Faraco & Castro,2000), os autores deixam clara a contribuição do pensamento de M. Bakhtin para as questões de ensino de língua. Evidenciam, que o fato de trabalharmos muitas vezes com frases soltas e descontextualizadas não é condenável se porventura a finalidade última não seja de memorização e sim de uso efetivo da linguagem. Ao dialogar com a teoria dos gêneros discursivos, os autores trazem como papel do professor de LP: “estimular o aluno a refletir sobre as diferenças genéricas existentes entre os mais variados tipos de textos (...) mostrar o papel desses gêneros no processo social de interação verbal, como forma de garantir a competência e a adequação discursiva do aluno para as mais variadas situações de interação socioverbal que ele poderá ser exposto fora dos limites escolares”.

Dado alguns apontamentos de especialistas da linguagem, passemos à metodologia realizada nesta pesquisa.

3. Metodologia

Para constituição do material de análise deste trabalho, foram aplicados questionários específicos a professores de Língua Portuguesa e alunos de escolas públicas e particulares da cidade de Pelotas-RS.

Foram selecionadas escolas aleatoriamente onde através de visita, era entregue à coordenação pedagógica e/ou direção um ofício de *solicitação de pesquisa na escola*. Este, explicava de forma resumida, os propósitos da pesquisa e lembrava da importância de investigações em qualquer esfera de atividade humana para o desenvolvimento e avanço de práticas.

Das sete escolas visitadas, cinco aceitaram participar. No restante das escolas obteve-se problema em contato com a direção ou a escola optava em não participar da pesquisa, sem dar uma razão muito clara. Vale lembrar, que a forma de participação constava apenas com o preenchimento de questionários por parte de professores de LP e alunos.

O instrumento utilizado para os professores consistiu em:

1.Formação:
- o *Ensino Médio/Magistério*
- o *Cursando graduação*
- o *Graduado*
- o *Pós-graduação/especialização*
- o *Título de Mestre*

2.Atuação em :
- o *Escola pública*
- o *Escola particular*
- o *nas duas*

✓ *Pra que/Por que ensinar Língua Portuguesa para falantes nativos de Português?*

✓ *O que você prefere/dá ênfase no trabalho com os alunos em sala de aula?*

✓ *Em geral, os alunos gostam das aulas de Língua Portuguesa?*
- o *Sim*
- o *Não*

✓ *Avalie o desempenho geral de seus alunos em sua disciplina:*
- o *Ótimo*
- o *Muito bom*
- o *Bom*
- o *Regular*
- o *Insuficiente*

✓ *Você mudaria/trocaria o nome da disciplina Língua Portuguesa?*
o *Não*
o *Sim, para o nome:* _____

O instrumento aplicado aos alunos constou de:

Série: .....

Responde com o que você pensa:

1. Pra que a escola oferece aulas de Língua Portuguesa aos alunos?

2. Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

o *SIM*
o *NÃO*
o *ÀS VEZES*

3. O que você mais gosta (de fazer/trabalhar) nas aulas de Língua Portuguesa?

4. O que você menos gosta (de fazer/trabalhar) nas aulas de Língua Portuguesa?

A escola que aceitava colaborar com esta pesquisa: (i) recebia os questionários (ii) repassava aos professores e alguns alunos de 5ª série a Ensino Médio (iii) devolvia ao pesquisador.

Ao término da coleta do material, os sujeitos ficaram assim distribuídos:

Quadro 1 - Sujeitos

Professores (P)	*sujeitos*
escola pública	✓ 4
escola particular	✓ 3
pública e particular	✓ 3
total =	✓ 10

Alunos (A)	*sujeitos*
escola pública	✓ 10
escola particular	✓ 13
total =	✓ 23

Os professores que responderam os questionários são graduados em curso superior e alguns possuem pós-graduação em nível de especialização. Como aparece no quadro 1, quatro professores de escola pública, três de escola privada e três que atuam nas duas modalidades de ensino.

A partir desse material, a seguir, exponho alguns resultados.

4. Resultados e discussão

Para este trabalho, trago para discussão somente os seguintes pontos dos questionários: a) dos professores: "*Pra que/Por que ensinar Língua Portuguesa para falantes nativos de Português?"* b) dos alunos: "*Pra que a escola oferece aulas de Língua Portuguesa aos alunos?*".

De maneira geral, as respostas dos professores para essa questão foram:

Quadro 2 - Professores (10)
"português para..."

importância social	*ler*	*gramática*	*interpretação de textos*	*falar*
1	**2**	**1**	**3**	**2**
domínio da língua	*regras/ erros*	*expressar-se/ defender opiniões*	*formar cidadãos*	*compreender diferentes textos*
1	**1**	**2**	**1**	**1**
variedade padrão/culta	*escrever*	*"corretamente"*	*organização/ estrutura da língua*	
2	**4**	**2**	**1**	

Os números na tabela indicam as ocorrências de tais justificativas para o ensino de LP nas respostas dos professores. Como podemos observar, o "escrever", a "escrita", é o que mais os professores abordam dentro de suas justificativas para o ensino de LP. É evidente que o "falar" e o "ler" também aparecem, como podemos ver na resposta do professor 6 (P6): "*Para que sejam capazes de desenvolver as habilidades de ler, falar, interpretar corretamente e criar."*. Assim como o P5: *"Para ajudá-los a desenvolver a capacidade de leitura, interpretação, escrita e oralidade".*

Observa-se no quadro que dois professores mencionam o “falar” como objeto de ensino de LP, e junto disso vem a expressão “corretamente”, idéia um pouco oposta ao que se pensa atualmente em relação à *fala* e à *interpretação* como algo que pudesse ser avaliado em *certo* e *errado*. Sabemos que qualquer texto é heterogêneo e por isso dá margem às diversas e/ou distintas interpretações. Nesse sentido, falar em “interpretar corretamente” se torna complicado.

Depois do “escrever”, a “interpretação de textos” como papel do ensino de LP é citada por três dos dez professores. Ser capaz de “compreender diferentes textos” é trazido apenas por um professor, fato que destoa da idéia presente já há bastante tempo nos estudos, que diz respeito a relevância do trabalho com os mais variados tipos e gêneros textuais como forma de desenvolvimento de habilidades da língua.

A resposta que se mostra mais significativa e coerente com as propostas atuais de ensino de LP parece ser a resposta do P2: *“Para formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos que estão a sua volta, expressar-se e defender as suas opiniões, partilhar e construir visões de mundo, enfim, produzir conhecimento.”* A resposta do P2 trás a questão do saber “expressar-se”/“defender opiniões” assim como a resposta do P3: *“Para desenvolver a capacidade de expressão, interpretação e crítica que tange a qualquer área.”*

Outra observação que podemos fazer é que a ênfase no ensino da “variedade padrão” também aparece, como em P9 *“Para que diante de um país tão grande e de diversos falares, possamos nos manter fiéis à variedade padrão vigente, falando e escrevendo corretamente.”* e aqui novamente surge a expressão “corretamente”.

Diante da pergunta central que tomei como foco para análise neste trabalho, isto é, “*Pra que/Por que ensinar Língua Portuguesa para falantes nativos de Português?”*, P10 respondeu unicamente: “*Para que eles tenham domínio sobre a língua “mãe””.* Essa resposta, de forma tão sintetizada, demonstra o quanto os professores não desenvolvem a idéia do “pra que” ensinar LP, ou para P10, ter domínio sobre a língua “mãe” incluiria todos os aspectos relacionados ao ensino de LP e não precisaria mais justificativas.

O termo “gramática”, independente do seu significado, só aparece em P8:*“Devido às regras, nós precisamos desenvolver a escrita para não cometermos erros que muitas vezes só aprendemos através das regras gramaticais, através da leitura e escrita diária.”*

Do ponto de vista dos alunos, face à questão: *“Responde com o que você pensa: Pra que a escola oferece aulas de Língua Portuguesa aos alunos?”* são trazidos outros aspectos, como a pronúncia e a questão do trabalho, mercado de trabalho, futuro, por exemplo. Passemos então a

observar o que os alunos evidenciam como objetivos da disciplina LP. Da mesma forma, o quadro abaixo demonstra quantitativamente o que os alunos trazem em suas respostas:

Quadro 3 - Alunos (23)
"português para..."

vida	*ler e escrever*	*gramática*	*futuro*	*comunicação*
4	**11**	**1**	**2**	**5**
trabalho/ mercado de trabalho	*pronúncia*	*"correto"/ "corretamente"*	*Falar bem/melhor*	*língua oficial/nativa*
3	**2**	**5**	**3**	**3**
novas palavras	*base*			
2	**2**			

O quadro 3 também revela que o saber "ler e escrever", ou "ler e escrever" melhor é o principal objetivo das aulas de LP apontado entre os alunos. Para eles, a leitura e a escrita são o ponto chave do porquê de se ter aulas de LP na escola. Onze, dos vinte e três alunos, mencionam a leitura e a escrita, o que de fato são os objetos de estudo alvos no ensino de LP. Mas a pergunta permanece: tem sido realmente estes os objetos de estudo priorizados nas aulas de LP? A partir desta pequena pesquisa, pode-se concluir, mesmo que parcialmente, que o objeto "gramática" não tem sido a prioridade. Pelo menos, não é apresentado evidências disso, já que tanto entre os professores como entre os alunos, "gramática" é citada apenas uma vez. Um aluno 1 (A1) de 5ª série diz o seguinte:*"Para nós aprender a ler e escrever direitinho, e as outras ordens da gramática também."* , apenas este se refere a ela.

Português para melhor "comunicação", "se comunicar melhor", é manifestado por cinco alunos, bem como as expressões "correto" e "corretamente". Exemplo disso, destaco as descrições de A9: "*Para os alunos terem uma boa comunicação, e saber o básico como ler e escrever." (7ª série)* e A13 *"Para reforçarmos nosso conhecimento, nossa maneira correta de se comunicar, preparar-nos para o mercado de trabalho."* E aqui, é mencionado uma idéia significativa nas respostas dos alunos: o trabalho, português para o trabalho. É notável a relação que eles fazem da Língua Portuguesa como instrumento a ser utilizado, e para tanto ser aprendido, aperfeiçoado. Português para a "vida", para o "mercado de trabalho", para o "futuro". Interessante lembrar que tais propósitos são normalmente mencionados quando se trata do ensino

de uma Língua estrangeira, porém eles estão descrevendo correspondente a sua língua materna, já adquirida, já utilizada fluentemente.

De forma similar ao P10, que faz uma justificativa bem sintetizada, A4 do Ensino Médio, ao responder a questão, diz somente: *"Por que é a língua oficial do nosso país."* e portanto deve ser alvo de estudo. Assim como A14 da 8ª série: "Para nós entendermos a língua que a gente fala."

LP na escola, segundo 2 alunos questionados, também é lugar para aprender novas palavras, *"Para que os alunos possam tomar conhecimento de palavras novas, significados diferentes, aperfeiçoar a escrita..."*, como revela A15.

E por fim, português com sendo a "base" para qualquer coisa, por exemplo em A16: *"Por que é a nossa língua oficial e também a base para aprendermos todo o resto das matérias." (8ª série).*

5. Considerações parciais

Tento em vista que o intuito aqui era de apresentar os objetivos que professores e alunos trazem para o ensino de LP, bem como provocá-los a tal reflexão, reforçamos a idéia de que a maioria dos protagonistas do ensino não param para refletir/estudar os propósitos de suas práticas. Alguns dos questionados que pude observar, ao ler a pergunta ficaram um pouco surpresos e tiveram de pensar alguns instantes no que escrever/responder. Em grande parte, não foram respostas automáticas.

Dada a especificidade desta pesquisa ter sido realizada através de questionários, não sabemos até que ponto as respostas apresentadas foram respondidas espontaneamente ou se alguns porventura se utilizaram de alguma fonte. Acredita-se que as respostas partiram do conhecimento dos professores.

Os professores, em suas respostas, parecem mobilizar traços tanto de uma tendência da língua enquanto atuação social como também da tendência mais tradicional da língua enquanto sistema.

Os objetivos para o ensino de LP, dados pelos professores, pouco contemplaram as idéias propostas pelos especialistas abordados neste trabalho. O objetivo mais referido, tanto entre os

professores como entre os alunos, foi, em primeiro lugar, o desenvolvimento/aperfeiçoamento da escrita e da leitura.

As respostas dos professores dão ênfase ao trabalho da leitura, produção textual e interpretação em detrimento do estudo da gramática. No entanto, para uma visão mais completa do que efetivamente se tem centrado o ensino de LP desses professores, seria necessário uma pesquisa que se levasse em conta observações de aulas, materiais, etc. o que se espera ser os próximos passos deste trabalho.

6. Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. *Aulas de português: encontro & interação*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2003.

CASTRO, G. ; FARACO, Carlos Alberto . *Por uma teoria lingüística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como um pouquinho de gramática nem sempre é bom).* Educar Em Revista, curitiba, v. 15, p. 179-194, 2000.

GERALDI, J. W. (org.) *O Texto na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 2004(3ª ed.)

POSSENTI, S. *Por que (não) Ensinar Gramática na Escola.* Campinas: ALB/ Mercado de Letras, 1996.